

NO CORAÇÃO DO MAR

CHARLOTTE ROGAN

No coração do mar

TRADUÇÃO DE FLÁVIA ROSSLER



Copyright © Charlotte Rogan, 2012

TÍTULO ORIGINAL
The Lifeboat

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Clarissa Peixoto

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R627c

Rogan, Charlotte

No coração do mar / Charlotte Rogan ; tradução Flávia Rössler. - 1. ed. - Rio de Janeiro:
Intrínseca, 2013.

240 p. ; 23 cm.

Tradução de: The lifeboat
ISBN 978-85-8057-354-1

1. Romance americano. I. Rössler, Flávia. II. Título.

13-00696

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Kevin
E para Olivia, Stephanie e Nick
Com amor*

PRÓLOGO

Hoje choquei meus advogados, e me surpreendi ao ver o que eu era capaz de provocar neles. Uma tempestade, com trovoadas e tudo, desabou no instante em que saímos do tribunal para almoçar. Enquanto eles corriam para se abrigar sob o toldo de uma loja ali perto, temendo molhar seus ternos, parei no meio da rua e abri a boca para o céu. Transportada no tempo, revi as cortinas cinzentas daquela outra chuva que caiu sobre nós, aquele aguaceiro que é parte do meu passado, mas naquele instante, na rua, tive pela primeira vez a noção de que poderia revivê-lo, submergir naquela lembrança, voltar àquele décimo dia a bordo do barco salva-vidas, quando a chuva começou.

Foi uma chuva fria, mas a recebemos com satisfação. No início não passava de uma garoa incômoda, mas, à medida que o dia avançava, ia crescendo em volume e em intensidade. Erguemos o rosto para o céu, a boca aberta, para molharmos nossas línguas intumescidas. Mary Ann não conseguia ou não queria abrir os lábios, fosse para beber a chuva ou para falar. Tínhamos a mesma idade. Hannah, apenas um pouco mais velha, deu um tapa nela e ameaçou: “Abra a boca, antes que eu puxe seu queixo à força!” Então segurou Mary Ann e apertou suas narinas até ela se ver obrigada a puxar o ar pela boca. As duas permaneceram sentadas assim por um bom tempo, em uma espécie de

abraço violento, Hannah mantendo a mandíbula de Mary Ann aberta e assim fazendo-a engolir, gota a gota, a salvadora chuva cinzenta.

— Venha, venha! — gritou o Sr. Reichmann.

Ele é o chefe da pequena equipe de advogados contratados por minha sogra. Não que ela se importe com o que acontece comigo, apenas teme que minha condenação abale a reputação da família. O Sr. Reichmann e seus sócios me chamavam da calçada, mas fingi não escutá-los. Ficaram aborrecidos por eu não ouvi-los, ou melhor, por não lhes dar atenção, o que é diferente e bem mais ofensivo, suponho, para quem está habituado a se manifestar do alto de tribunas, para quem sempre é ouvido por juízes, jurados e pessoas que prometem dizer a verdade nada mais que a verdade e cuja liberdade depende de quais verdades eles decidem contar. Quando, afinal, fiz um esforço e me aproximei deles, tremendo e encharcada até os ossos, porém sorrindo por dentro e satisfeita por ter redescoberto a pequena liberdade da imaginação, os advogados perguntaram:

— Que brincadeira foi essa? O que estava fazendo, Grace? Ficou louca?

O Sr. Glover, o mais simpático dos três, colocou o paletó sobre meus ombros ensopados, mas logo o fino forro de seda ficou encharcado também e, imagino, inutilizável. Embora comovida com a gentileza, eu preferia que tivesse sido o corpulento e bonitão William Reichmann o dono do paletó estragado pela chuva.

— Estava com sede — respondi, e na verdade continuava assim.

— Mas o restaurante é logo ali, a menos de um quarteirão. Você vai poder beber o que quiser daqui a um minuto ou dois — retrucou o Sr. Glover, enquanto os outros apontavam para o estabelecimento e faziam ruídos de incentivo.

Minha sede, no entanto, era de chuva e de água salgada, sede de um oceano inteiro.

— Que engraçado... — falei, rindo.

Pois eu tinha a liberdade de escolher o que beber justo quando nenhum tipo de bebida conseguiria me satisfazer. Eu passara as duas semanas anteriores na prisão e estava agora em liberdade apenas enquanto aguardava o resultado de um processo em andamento. Incapaz de conter o riso que me dominava por dentro e escapava em ondas gigantescas, os advogados não me permitiram acompanhá-los até o salão do restaurante. Fui forçada a receber minha refeição na chapelaria, onde um funcionário desconfiado me vigiava do alto de

uma banqueta enquanto eu mordiscava meu sanduíche. Ficamos ali sentados como dois pássaros, e ri sozinha até sentir uma forte dor na lateral do corpo e achar que ia passar mal.

— Bem — disse o Sr. Reichmann após o almoço, quando ele e os outros vieram me buscar —, estávamos discutindo seu caso, e alegar insanidade não nos parece exagero, afinal de contas.

A ideia de eu ter algum problema mental enchia-os de otimismo. Enquanto antes do almoço mostravam-se nervosos e pessimistas, agora acendiam cigarros e se congratulavam por questões das quais eu não tinha o menor conhecimento. Aparentemente haviam feito uma avaliação conjunta de meu estado mental, considerando-o deficiente em alguns aspectos, mas agora que o choque inicial provocado por meu comportamento se dissipara e eles tinham descoberto que essa deficiência talvez pudesse ter uma explicação científica e até ser explorada na condução do processo, começaram, um após o outro, a dar tapinhas no meu braço e dizer:

— Não se preocupe, minha querida. Afinal de contas, já basta o que você sofreu. Deixe tudo por nossa conta. Já fizemos isso mil vezes antes.

Mencionaram um tal Dr. Cole, dizendo:

— Sem dúvida você vai achá-lo muito compreensivo.

E puseram-se a enumerar uma série de referências que para mim não significavam absolutamente nada.

Não me lembro de quem foi a ideia, se de Glover, Reichmann ou mesmo do tímido Ligget, de que eu tentasse recriar os fatos daqueles vinte e um dias, de forma que o “diário” resultante pudesse ser considerado uma prova a meu favor.

— Nesse caso, seria melhor se a apresentássemos como mentalmente sã, ou a história inteira seria desconsiderada — sugeriu timidamente o Sr. Ligget, como se estivesse se manifestando sem permissão.

— Creio que o colega tenha razão — concordou o Sr. Reichmann, alisando o queixo comprido. — Vamos ver o andamento das coisas antes de decidir.

Eles riam, brandiam seus cigarros no ar e falavam sobre mim como se eu não estivesse presente por todo o caminho de volta ao tribunal, onde, ao lado de duas outras mulheres, Hannah West e Ursula Grant, eu seria julgada. Estava com vinte e dois anos. Tinha dez semanas de casada e mais de seis como viúva.

PARTE I

DIA UM

Passamos nosso primeiro dia no barco salva-vidas em silêncio quase absoluto, assimilando ou recusando-nos a acompanhar o drama que se desenrolava nas águas turbulentas ao redor. O forte marinheiro John Hardie, único membro da tripulação do navio a bordo do salva-vidas 14, logo assumiu o comando. Definiu os assentos em função do peso de cada um e, como o barco estava sobrecarregado, proibiu que nos levantássemos ou caminhássemos sem permissão. Em seguida, pegou um leme do compartimento embaixo dos bancos, fixou-o na parte de trás da embarcação e determinou que quem soubesse remar deveria pegar um dos quatro remos existentes. No instante seguinte estavam todos tomados: três homens e uma mulher robusta, a Sra. Grant. Hardie ordenou-lhes que afastassem o barco salva-vidas o máximo possível do navio que aos poucos ia a pique, gritando: “Agitem esses malditos remos até não poderem mais se não quiserem ser engolidos por esse maldito oceano!”

O Sr. Hardie mantinha os pés bem fincados no chão e os olhos atentos, guiando-nos com habilidade por entre os obstáculos que bloqueavam o caminho enquanto os quatro remavam em silêncio, os músculos retesados e os nós dos dedos brancos. Alguns passageiros seguravam a extremidade dos

compridos remos na tentativa de dividir o esforço, mas, como não tinham prática, havia tanta possibilidade de deixarem as pás escaparem ou ricochetear em na água quanto de empurrá-las transversalmente, como seria o correto. Meus pés faziam pressão contra o piso do barco, em solidariedade, e a cada remada eu contraía os ombros como se com isso pudesse, por magia, ajudá-los. De tempos em tempos o Sr. Hardie quebrava o silêncio estarrecedor com palavras como: “Mais duzentos metros e estaremos a salvo” ou “Dez minutos até o navio afundar de vez, doze no máximo”, ou ainda “Noventa por cento das mulheres e crianças se salvaram”. Suas palavras me confortaram, embora eu tivesse acabado de ver uma mãe jogar a filha pequena na água, saltar atrás dela e desaparecer. Ignoro se o Sr. Hardie testemunhou esse fato, mas suspeito que sim, pois seus olhos pretos sempre em movimento sob as sobranceiras espessas pareciam assimilar cada detalhe de nossa situação. Em todo caso, não o corrigi nem sequer cogitei culpá-lo por mentir. Em vez disso, eu o via como um comandante que tentava inspirar confiança em seus soldados.

Uma vez que nosso barco fora um dos últimos a serem lançado no mar, a água à frente estava congestionada. Vi duas embarcações colidirem ao tentar evitar uma montanha de destroços flutuantes, e uma parte ainda tranquila de minha mente conseguiu entender que o Sr. Hardie buscava encontrar uma faixa de mar desobstruída, distante dos outros. Ele perdera o quepe e, com seus cabelos rebeldes e olhos brilhantes, parecia estar tão à vontade no meio daquela confusão quanto nós estávamos aterrorizados.

— Força nesses remos, pessoal! — gritou ele. — Mostrem do que são capazes!

Os quatro então redobram os esforços. Na mesma hora ouvimos uma série de explosões atrás de nós, além de gritos e lamentos das pessoas ainda a bordo do *Empress Alexandra* ou na água ao redor; os próprios sons do inferno, se é que o inferno existe. Ao olhar para trás, vi a enorme carcaça do transatlântico estremecer e tombar, e só então notei que labaredas alaranjadas lambiam as janelas das cabines.

Passamos por madeiras lascadas, tonéis semissubmersos e cordas retorcidas que lembravam serpentes. Avistei, flutuando lado a lado, uma espreguiçadeira, um chapéu de palha e o que parecia ser uma boneca, tristes lembranças da manhã ensolarada com a qual nos deliciáramos naquele mesmo dia e do ar de descontração que reinara no navio. Quando cruzamos com três tonéis pequenos boiando juntos, o Sr. Hardie exclamou “Arrá!”, orde-

nou aos homens que recolhessem dois e os guardou sob o assento triangular formado pela popa da embarcação. Garantiu-nos que continham água potável e que assim que nos víssemos a salvo do turbilhão provocado pelo naufrágio provavelmente iríamos precisar escapar também da sede e da fome; eu, no entanto, não conseguia pensar assim tão à frente. Em minha cabeça, a amurada de nossa pequena embarcação já estava perigosamente próxima da superfície da água, e eu só podia acreditar que parar naquele momento, por qualquer motivo que fosse, reduziria nossas chances de alcançar uma distância segura do transatlântico.

Havia também cadáveres flutuando na água e pessoas vivas agarradas aos destroços. Avistei outra mãe com o filho, uma criança de rosto pálido que estendia os braços em nossa direção e gritava. Quando nos aproximamos, percebi que a mãe estava morta, o corpo inerte enviesado sobre um pedaço de madeira e o cabelo loiro espalhado ao redor do rosto como um leque aberto sobre a água esverdeada. O menino usava uma gravatinha-borboleta e suspensórios, e achei ridículo que a mãe o vestisse de modo tão inadequado, embora eu mesma tenha sempre admirado as roupas elegantes e mesmo naquele momento me sentisse incomodada sob o peso de um espartilho, saias e botinas de pelica macia, comprados pouco antes em Londres.

Um dos homens gritou:

— Um pouco mais para esse lado e conseguimos alcançar o menino!

Hardie, no entanto, retrucou:

— Ótimo, e quem vai trocar de lugar com ele?

O Sr. Hardie tinha a voz áspera dos marinheiros. Eu nem sempre conseguia entender o que dizia, mas isso servia para aumentar minha confiança nele. Ele conhecia aquele universo marinho, usava sua linguagem, e quanto menos eu o compreendesse, maior era a possibilidade de que o oceano o fizesse. Ninguém respondeu o questionamento, portanto deixamos para trás o menino aos gritos. Um homem franzino sentado ao meu lado murmurou:

— Podíamos trocar os tonéis por essa pobre criança!

Para isso, no entanto, seria agora necessário dar meia-volta, mas a compaixão que por um breve momento sentíramos pelo menino já fazia parte de um passado em vias de submergir, por isso nos mantivemos em silêncio. Apenas o homem franzino falou, mas sua voz fraca mal podia ser ouvida em meio ao gemido ritmado dos toletes dos remos, do rugido do fogo e da cacofonia de comandos e gritos de angústia.

— É só um menino. Quanto pode pesar uma criança desse tamanho?

Mais tarde eu viria a descobrir que o homem franzino era um diácono anglicano, mas naquele momento eu ainda ignorava os nomes e as profissões de meus companheiros de viagem. Ninguém lhe respondeu. Os remadores limitaram-se a curvar ainda mais o corpo para melhor executar sua tarefa, e nós os acompanhamos, pois parecia não nos restar outra coisa a fazer.

Não muito depois, avistamos três homens que nadavam em nossa direção com braçadas vigorosas. Um após o outro, agarraram-se à corda de salvamento que circundava o barco, forçando-o para baixo de tal forma que um imenso volume de água começou a entrar pela borda. Um deles chamou minha atenção. O rosto bem barbeado estava lívido de frio, mas era evidente o brilho de alívio que emanava de seus olhos de um azul glacial. Sob as ordens de Hardie, no entanto, os remadores sentados mais perto dele esmagaram o primeiro par de mãos antes de golpear as do homem de olhos azuis. Ouvi o ruído da madeira esmagando ossos. Hardie então ergueu sua pesada bota e enfiou-a no rosto do homem, extraindo dele um grito de angústia e surpresa. Eu não conseguia desviar o olhar; jamais um ser humano me inspirou sentimentos tão fortes quanto aquele desconhecido.

Se eu fosse descrever o que acontecia a estibordo do barco salva-vidas 14, daria necessariamente a impressão de que mil outros dramas não se desenrolavam ao mesmo tempo nas águas turbulentas a bombordo e na popa. Em algum lugar ali perto devia estar Henry, meu marido, ou dentro de um barco golpeando desafortunados que tentassem subir, como nós agora fazíamos, ou tentando ele mesmo alcançar a nado a segurança de um salva-vidas e sendo também rechaçado. Eu me reconfortava ao pensar no ímpeto com que Henry conseguira para mim um lugar no barco, certa de que ele demonstraria igual firmeza em seu favor; mas será que Henry conseguiria agir como Hardie se sua vida estivesse em jogo? Eu conseguiria? A ideia da crueldade do Sr. Hardie me voltava sempre à lembrança — sua conduta fora sem dúvida terrível, e certamente nenhum de nós teria tido coragem para tomar as tenebrosas e instantâneas decisões exigidas de um chefe em tais circunstâncias; mas com certeza foram elas que nos salvaram. Pergunto a mim mesma se é justo falar em crueldade se qualquer outra ação teria significado nossa morte certa.

Não havia vento algum, mas mesmo no mar liso a água às vezes entrava pela amurada do barco superlotado. Poucos dias atrás, meus advogados rea-

lizaram uma experiência para provar que o acréscimo de um único adulto de peso médio em um barco daquele tamanho e tipo teria nos colocado em risco imediato. Não podíamos salvar todos os outros e também a nós mesmos. O Sr. Hardie tinha consciência disso e mostrava coragem para agir como fosse preciso. Foram suas iniciativas naqueles primeiros minutos e horas que definiram a diferença entre a prorrogação de nossa existência e um túmulo coletivo em alto-mar. Foram também suas ações que colocaram contra ele a Sra. Grant, das mulheres a mais robusta e a que menos tinha medo de se manifestar.

— Insensível! — gritou ela. — Volte para salvar a criança, pelo menos!

Mas devia estar claro para ela que não poderíamos voltar e ao mesmo tempo escapar com vida. Essas palavras, no entanto, renderam à Sra. Grant o rótulo de humanitária e a Hardie, o de demônio.

Havia exemplos de grandeza de caráter, também. As mulheres mais fortes tomavam conta das mais fracas, e foi graças aos remadores que conseguimos nos distanciar tão depressa do navio avariado. O Sr. Hardie, por sua vez, tomara a firme decisão de nos salvar e imediatamente fez uma distinção entre as pessoas dispostas a se submeter ao seu comando e as outras. Nós, no entanto, levamos um pouco mais de tempo para fazer essa distinção. Durante vários dias identifiquei-me menos com os passageiros do barco salva-vidas 14 do que com os outros passageiros da primeira classe do *Empress Alexandra*. E podia ser diferente? Apesar das dificuldades dos últimos anos, eu estava habituada ao luxo. Henry pagara mais de quinhentos dólares por nossas passagens de primeira classe, e eu ainda me via chegando com ar triunfante em minha cidade natal, não como a sobrevivente esfarrapada de um naufrágio ou a filha de um empresário falido, mas como a convidada de honra de um jantar de boas-vindas, exibindo roupas e joias que agora, no entanto, repousavam em meio às algas nas profundezas sombrias do oceano. Imaginava Henry finalmente me apresentando a sua mãe, cuja resistência a meus encantos desapareceria agora que nosso casamento era fato consumado. Imaginava também os homens que tinham trapaceado meu pai abrindo caminho no meio da multidão e sendo repudiados em público por todos que conheciam, sem exceção. Hardie, para sua glória ou maldição, adaptou-se de imediato às nossas novas circunstâncias, capacidade que atribuo a sua alma de marinheiro e ao fato de ter, havia muito, perdido todo tipo de sensibilidade, se é que um dia tivera alguma. Ele pren-

dera uma faca na cintura e substituíra seu quepe perdido por um pedaço de pano de origem desconhecida, que fazia um contraste gritante com os botões dourados de seu casaco. Essas mudanças em seu uniforme, contudo, pareciam confirmar sua disposição e adaptabilidade, servindo apenas para aumentar a confiança que eu depositava nele. Quando finalmente me ocorreu olhar em volta à procura de outros barcos salva-vidas, eram apenas pontos distantes; um bom sinal, pensei, já que o mar aberto era um lugar de relativa segurança após o caos e a turbulência que predominavam nas proximidades do naufrágio.

O Sr. Hardie oferecia às mulheres mais fracas os melhores assentos e dirigia-se a nós como “madame”. Preocupava-se com nosso bem-estar como se pudesse fazer alguma coisa a respeito, e no início as mulheres retribuía a gentileza alegando excelentes condições, embora todos percebessem que o punho da Sra. Fleming estava dobrado em um ângulo estranho e que uma governanta espanhola chamada Maria apresentava graves distúrbios emocionais frutos do choque. Foi a Sra. Grant quem improvisou uma tipóia para o braço da Sra. Fleming, e foi também ela quem primeiro se perguntou em voz alta como Hardie fora parar em nosso barco. Mais tarde descobrimos que, como os protocolos de emergência exigiam um marinheiro experiente em cada barco salva-vidas, o comandante Sutter permanecera no navio com a maior parte da tripulação a fim de ajudar a transferir as pessoas para os barcos salva-vidas e também para tentar manter a ordem em meio ao pânico que se instalara. Tínhamos constatado por nós mesmos, enquanto lentamente nos afastávamos, que a pressa desesperada por parte tanto da tripulação quanto dos passageiros na hora de colocar os barcos na água era contraproducente, pois o transatlântico se inclinava de maneira dramática à medida que a água o tomava, e essa situação piorava com a força de tudo que se chocava e se quebrava no interior do navio, a tal ponto que, quando chegou nossa vez de descer, não havia mais uma linha reta no percurso do convés até a água. Não apenas a embarcação menor estava em perigo constante de colidir com a lateral já fortemente inclinada do navio ou de virar e despencar lá de cima, como também custava aos homens que controlavam as roldanas um esforço extremo para baixar as duas extremidades na mesma velocidade. Um barco que fora lançado à água logo após o nosso emborcar totalmente, despejando no oceano toda a sua carga de mulheres e crianças. Elas gritaram e se debateram na água

diante de nossos olhos, mas nada fizemos para ajudá-las, e ficou claro que, sem Hardie para nos orientar, nosso destino teria sido o mesmo. Depois de tudo que aconteceu, posso dar uma resposta afirmativa às minhas próprias indagações: se o Sr. Hardie não tivesse se livrado dos náufragos que se agarraram à borda do nosso barco, eu mesma o teria feito.